



CULTURAS ORAIS E LINGUAGEM GRÁFICA

Marizilda dos Santos Menezes
Jacqueline Aparecida Gonçalves Fernandes de Castro
UNESP - Universidade Estadual Paulista
Departamento de Artes e Representação Gráfica
zilmenezes@uol.com.br, designcali@gmail.com

RESUMO

A oralidade é uma das características mais marcantes da cultura africana. Devido ao grande significado que possuem a arte e o poder da palavra falada nas sociedades africanas, pouca atenção se tem dado aos seus sistemas de escrita. Neste artigo são apresentadas e discutidas, sob a luz da semiótica, questões relativas à oralidade dos povos africanos e sua relação com os símbolos gráficos utilizados como escrita e meio de comunicação, encontrados em diversas etnias africanas.

Palavras-chave: culturas orais, oralidade e escrita, oralidade africana, sistemas africanos de escrita.

ABSTRACT

Orality is stronger characteristics of African culture. Due the power of the word talked in the African societies, no attention has given to their writing systems. In this paper we introduce some examples of African writing systems and we intend to argue, under semiotics point of view, the orality of African peoples and its relations with graphic symbols used as communication writing way, found in several African social groups.

Keywords: oral cultures, orality and writing systems, African orality, African systems of writing

1 Introdução

“A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. É a herança de tudo que nossos ancestrais puderam conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente.” (Tierno Bokar – líder religioso africano).

O reconhecimento da diversidade e o conceito de multiculturalidade estão presentes em várias

áreas do conhecimento e o design deve estar incluído entre aquelas em que essa preocupação é natural e necessária.

O continente africano consiste de inúmeras etnias e culturas diferentes, com sistemas de símbolos gráficos muitas vezes peculiares a cada uma delas, outros, compartilhados por diversos grupos. Esses sistemas de símbolos diversificados servem como meios de comunicação e determinam a posição do indivíduo dentro de cada sociedade, e são expressos na arquitetura, nos objetos utilizados, no vestuário e artes do corpo.

Em muitas línguas africanas, bom e belo são designados pela mesma palavra. Forma e função são inalienáveis e o útil tem que ser obrigatoriamente belo. Labourte-Tolra e Warnier (1997) observam que toda produção material humana pode ser apreendida em dois níveis: o estético, sentimento de prazer que proporciona àquele que percebe e o conceitual ou semiológico, conforme o sentido, o papel, a utilidade que se atribuiu (o indivíduo ou o grupo social) à obra. Desta forma a produção material africana já incorpora por meio do verbal, o que espera, ou o que intenciona do não verbal.

Segundo Aguiar (2004), o ser humano acumula experiências e as transmite a seus descendentes por meio de registros através dos tempos, e como condição para sua vida em sociedade cria conjuntos de códigos, que interagem entre si e respondem às necessidades emocionais, intelectuais, de sobrevivência e de comunicação entre os indivíduos. Ao trocar mensagens, os códigos se alteram e se adaptam às novas realidades e provoca transformações no ambiente e na própria sociedade. Entre os africanos, em um território onde a tradição oral é muito forte, as linguagens não verbais têm papel importante. Os códigos estabelecem-se e se transmitem por meio de imagens sensoriais visuais nos objetos, na arquitetura, roupas, nos adornos corporais. São expressos principalmente em grafismos que caracterizam sua origem ou procedência.

Este artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla que tem por objetivo resgatar a tradição e o conhecimento de culturas tradicionais africanas no design étnico. Procura valorizar as raízes africanas, celebrando a diversidade de culturas e etnias que compõem o povo brasileiro e contribuir para o enriquecimento do patrimônio cultural do país. Como objetivo específico, neste trabalho, serão apresentadas e discutidas, à luz da semiótica, questões relativas à oralidade dos povos africanos e sua relação com os símbolos gráficos utilizados como escrita e meio de comunicação de alguns grupos étnicos.

2 A oralidade africana e os sistemas de escrita: enfrentando os preconceitos da história.

A compreensão do mundo por meio de imagens precede àquela da oralidade. A aquisição dos códigos verbais é apreendida pelos humanos primeiramente com o entendimento dos sons e posteriormente da escrita. Entretanto, a primeira expressão gráfica das crianças se estabelece por meio da criação de imagens, de desenhos e a aquisição da escrita acontece em geral por meio da educação formal.

Aguiar (2004) observa que o ser humano só tem lembranças de sua infância a partir do

momento em que aprende a falar, pelo fato que a vida anterior está codificada em imagens que se manifestam provavelmente em sonhos, sensações, sentimentos. Corrobora ainda essa idéia ao dizer que pelo fato da linguagem imagética ser analógica não pode ser construída com negativas “é muito difícil, senão impossível conceber uma cena negativa usando recursos plásticos”. Em outras palavras a imagem tem um maior compromisso com o indiscutível, com a verdade.

Preconcebidamente, a questão da oralidade está freqüentemente ligada a povos ágrafos, ou melhor, tem-se como verdadeiro que o conhecimento, a história de uma sociedade é transmitida por meio do oral em grupos que não tem o domínio da escrita, são desprovidas de grafia, contrapondo-se às sociedades letradas, alfabetizadas.

A cultura africana é pautada pela oralidade, pelo poder que é outorgado à palavra falada. A palavra possui poder de ação e aquele que não a usa equivale a um ser incompleto, privado de uma parte essencial de seu corpo. Segundo Bâ (2003) o poder da palavra falada possui uma energia vital, com capacidade criadora e transformadora do mundo, garante e preserva ensinamentos - “a tradição oral é a grande escola da vida”. O autor diz ainda que a tradição oral é, ao mesmo tempo: “religião, arte, ciência história, divertimento, recreação, pois todo pormenor nos remonta à Unidade primordial”.

A narrativa africana é forma de registro tão complexa quanto a escrita, e incorpora música, dança, interpretação, entonação, o que talvez expresse melhor essa energia vital. Existe nela uma integração completa entre o verbal e o não verbal, a palavra e o gesto, a relação da palavra falada e com ela deve ser falada.

(...) para compreender a realidade não há que se separar as partes, isolando as áreas do conhecimento, pois a compreensão de cada parte, mesmo resguardadas suas especificidades, remonta ao todo, sem hierarquizações de conhecimentos e saberes. Tendo por base a iniciação e a experiência, o homem que se forma na tradição oral é conduzido à sua totalidade (JESUS, 2005).

A verbalização tem tamanha importância na África que existe uma posição de destaque na sociedade para profissionais treinados em memorização e transmissão da memória cultural da comunidade. Esses indivíduos armazenam séculos de crenças, costumes, lendas, lições de vida, segredos. Tem o compromisso com a verdade, pois acreditam que a mentira pode provocar o desequilíbrio e desarmonia da comunidade ocasionada pela perda da sua energia vital.

Jesus (2005) ao citar Vansina - “a oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade” - acrescenta que as sociedades de tradição oral partem desse princípio, pois a fala não é mero elemento de comunicação cotidiana, mas um meio de perpetuar a história comum, um meio de preservar a sabedoria ancestral.

Segundo Pierce (appud Santaella, 1999) além da linguagem verbal escrita, o modo de codificação alfabética ocidental de origem grega, existem outras formas de codificação escrita, diferente da linguagem alfabeticamente articulada, tais como hieróglifos, pictogramas, ideogramas, formas limítrofes do desenho.

Partindo do mesmo princípio de Vansina e a despeito dos pressupostos encontrados nos livros de história, os povos africanos, apesar da tradição oral estão entre os primeiros a

desenvolverem sistemas de escrita. Além dos hieróglifos egípcios, existem diversos sistemas de escrita desenvolvidos antes da influência árabe. O fato de priorizarem a verbalização não demonstra incapacidade de produzirem sistemas de grafia. Retomando-se o que foi dito anteriormente sobre o compromisso que tanto a oralidade como a imagem têm com a verdade, pode-se concluir ainda que o fato dos sistemas de escrita sociedades orais africanas serem basicamente figurativos têm aí sua origem.

As inúmeras composições gráficas observadas na arquitetura e design africanos seja nos objetos de uso cotidiano, ritualísticos, ou mesmo decorativos tem a finalidade de registrar e transmitir conhecimento. Esses símbolos combinados transmitem mensagens. Não são considerados alfabetos verdadeiros porque não existe uma forma única de leitura, podem ser interpretados, mas não lidos. Entretanto, primeiramente, a definição de termo alfabeto é de “qualquer sistema de sinais estabelecidos para representar letras, fonemas ou palavras”. Por outro lado, o ato de ler não está restrito à visualização e entendimento da coisa escrita com alfabeto, mas significa também perceber (sinais, signos, mensagem) seja por meio da visão, do tato, compreendendo-lhes o significado. A questão da interpretação é também contestável, uma vez que qualquer texto ou contexto está sujeito a interpretações diferentes dependendo do ponto de vista.

De acordo com National Museum Of African Art os sistemas de escrita africanos desafiam compreensões convencionais da palavra escrita como algo estático aplicado só ao papel e demonstrando outras formas dinâmicas e criativas do uso da escrita, ou da idéia de escritura.

Baseando-nos em Nascimento (1996) e na documentação do National Museum Of African Art podemos destacar os seguintes sistemas de escrita africanos, os quais podem aparecer individualmente ou em conjunto:

- pictóricos – os grafemas (a menor unidade construtiva num sistema de escrita) constituem-se de imagens icônicas.
- ideográficos - símbolos abstratos que por convenção, carregam conceitos, idéias;
- fonológicos (alfabéticos ou silábicos) - que representam os sons da linguagem (fonemas - unidade mínima distintiva no sistema sonoro de uma língua - ou sílabas) e que em conjunto representam palavras e permitem compreensão mais imediata;
- escrita por meio de objetos – arranjos convencionais de peças para transmissão de informações. Este tipo de escrita não será apresentado neste artigo, por não se tratar de sistema gráfico.

Um dos exemplos mais interessantes do ponto de vista da expressão gráfica são os pictogramas da etnia Edo (ou Ido), do Benin e sul da Nigéria, que combinam cores e gráficos que podem ser observados na Figura 1. O sistema baseia-se em círculos, círculos combinados com setas e pontos. As setas posicionam-se acima ou abaixo dos círculos, e os pontos podem aparecer acima, abaixo, a esquerda ou direita dos mesmos. As cores utilizadas são sete cores: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, cian - azul - violeta. Os textos são apresentados em forma de matriz, com sete linhas e representados em conjuntos de sete linhas e sete colunas (os mais comuns – podendo às vezes aparecer nove colunas) sendo que as cores nunca se

repetem na mesma coluna. Por outro lado, os símbolos são sempre os mesmos em cada coluna.

Como ideogramas têm-se os seguintes exemplos: o sistema gráfico *Nsibidi* utilizado por povos do sudeste da Nigéria e sudoeste de Camarões para transmitir ensinamentos de filosofia; os *Adinkra*, talvez os mais conhecidos, usados pelos Akan/Ashanti; os *Sona* ou *Tusona*, sistema de povos de Angola e Zâmbia.

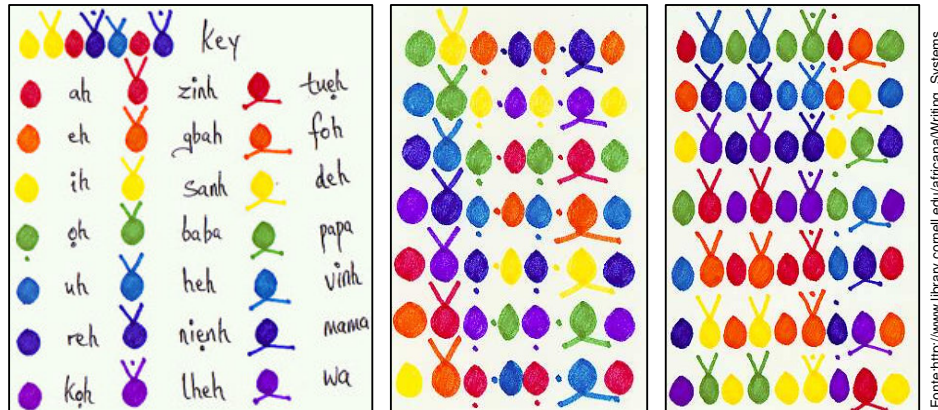


Figura 1: Escrita do povo Edo, que combina sinais e figuras.

Nsibidi (Figura 2a) não corresponde a nenhuma língua falada e é composta por quase mil símbolos e são representados por meio de gestos, em tatuagens, inscrições murais ou em objetos. Seu conhecimento mais aprofundado é restrito a iniciados, sociedades de homens detentores de poder social, político ou econômico.

Os símbolos *Adinkra* (Figura 2b) contabilizam mais de setecentos desenhos que expressam sua sabedoria por meio de ditos populares, provérbios, baladas populares, representação de eventos históricos. São impressos em tecidos, objetos de prestígio, joalheria.

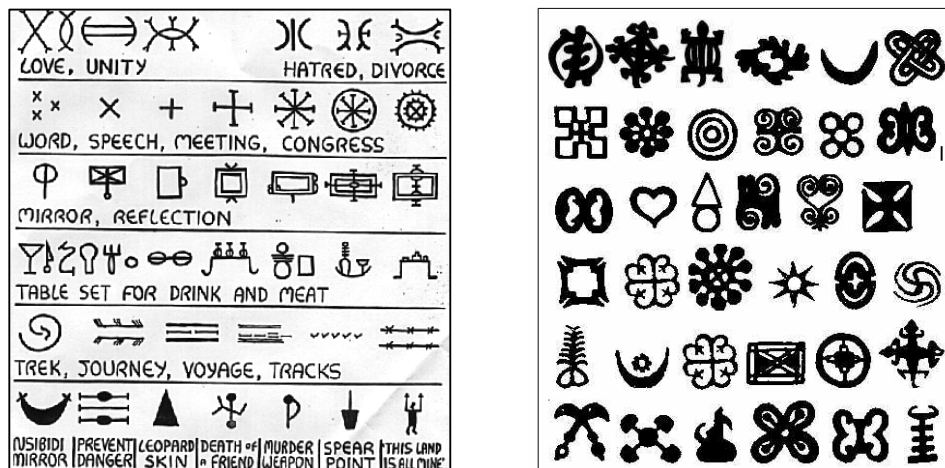


Figura 2: Ideogramas a) Nsibidi b) Adinkra

A escrita fonológica, ou alfabetos fonéticos, tem como exemplos: o *Vai* da Libéria, o *Mende* de Serra Leoa e o *Bamun* de Camarões.

Vai é uma escrita silábica com 212 caracteres, cada qual formada por uma consoante e uma vogal, e é escrita da esquerda para a direita (Figura 3a). Foi criada com a finalidade de manter registros, traduzir o alcorão e a bíblia e hoje é utilizada como sistema corrente em jornais, anúncios e na correspondência informal.

Mende assemelha-se ao Vai, entretanto a escrita é da direita para a esquerda, devido à sua influência árabe. Possui 195 caracteres silábicos (Figura 3b).

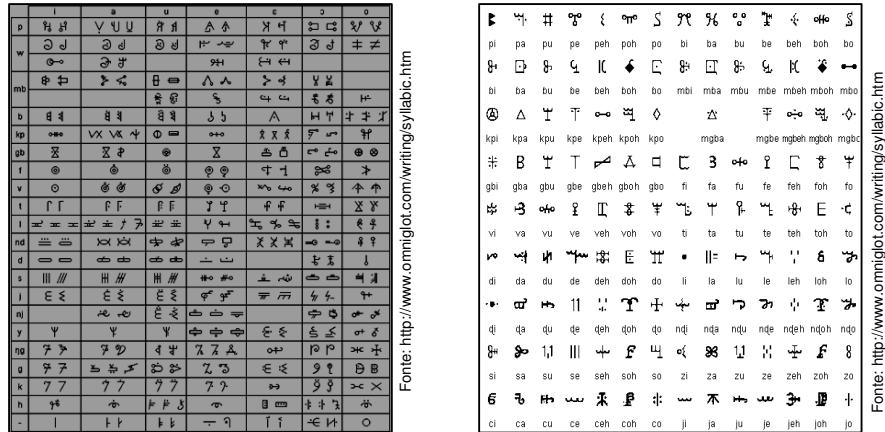


Figura 3: Sistemas de escrita a) Mende b) Vai

Todos os sistemas mencionados demonstram experiências da íntima interação e justaposição do verbal e do não verbal. A linguagem verbal predominante na tradição oral se vê suplementada ou reforçada pelo não verbal por meio dos sistemas de escrita não alfabéticos, que tem, entretanto sua fundamentação no verbal, ou seja, utiliza-se da imagem para “escrever”, ou transmitir o texto da mensagem a ser comunicada. Ora, baseando-se na afirmação de Ferrara de que: “se cada código se identifica pelo signo e pela sintaxe que engendra, podemos dizer que o texto não verbal é uma linguagem sem código”, esses sistemas de escrita, apesar de serem essencialmente construídos com imagens ou objetos, são linguagens codificadas e apresentam sintaxe reconhecível, são, portanto, linguagens verbais.

Mafundikwa (2000) pondera que se toda a escrita for registro de informações, então toda escrita tem valor igual, pois cada sociedade seleciona e preserva aquilo que lhe é essencial para sua sobrevivência e para as quais prevê uma função. Acrescenta ainda que não existem precursores da escrita, ou escrituras transitivas, mas sim sociedades em determinado nível de desenvolvimento econômico e social que usam certas formas de preservação dos seus registros e se essas formas cumprem os propósito esperado pelo grupo que o criou então a escrita é adequada.

Do mesmo modo, como em qualquer sociedade, o processo de criação de signos utilizados na construção dos sistemas de escrita africanos apresenta-se em diversas fases de desenvolvimento, de acordo com as necessidades comunicacionais do grupo. É o que será demonstrado a seguir segundo a semiótica de Peirce.

3 Signos Gráficos Africanos - Representação e Interpretação pela Semiótica Peirciana.

A Semiótica é a ciência que estuda os signos por meio de suas propriedades, suas ações e mediações. A semiótica tem nos signos sua matéria prima, e os vê em relação aos códigos. Estuda as relações entre código e a mensagem e entre signo e o discurso. Segundo Santaella (1999), para se conhecer e compreender qualquer coisa, a consciência produz um signo.

Peirce criou um modo pelo qual, podemos classificar um signo por meio de um método lógico, como se fosse um gráfico explicativo que permite descrever, analisar e interpretar linguagens.

Os signos são os principais meios de compreensão para as culturas, são interpretados e compreendidos, aqui nesta pesquisa por meio da semiótica. É a proximidade e a relação encontrada nas teorias de significados que nos mostra cada cultura e serve para interpretar e representar um grupo, assim podendo significar um todo.

Na semiótica peirciana, os signos caracterizam-se pela lógica natural, ou seja, o ser humano qualifica um signo, num primeiro estágio, reage e interpreta num segundo, e por último, representa, media e reconhece como forma de leitura. Assim, são condições para que um signo exista: algo a ser representado – o objeto referente; o conceito ou a imagem que se forma na mente do indivíduo – o significado; a representação física – o significante.

O signo é entendido como algo que está em lugar de outro. O signo não representa a totalidade do objeto, mas por meio de abstrações diversas, o representa de certo ponto de vista ou com o fim de determinado uso prático. O processo de criação ou de apreensão de um signo é chamado de *semiose*. Ela envolve um movimento espiralado, na medida em que toda apreensão signica pode tornar-se o reinício de uma nova semiose.

Peirce desenvolveu *classes* ou *categorias* (“modos de operação do pensamento signo que se processam na mente” – SANTAELLA, 1999), para analisar os signos, organizadas em tricotomias:

- a primeira abrange a materialidade do signo – acontece em relação ao signo consigo mesmo – uma qualidade, uma lei geral, a consciência imediata. Pode ser um *quali-signo*, um *sin-signo* ou um *legi-signo*.
- a segunda envolve a relação do signo com seu objeto – relação/reação – fatos concretos, reais, experiência. Classifica-se em *ícone*, *índice* ou *símbolo*.
- A terceira faz a relação entre o signo e o seu interpretante, síntese intelectual, interpretação – aqui o signo pode ser um *rema*, um *dici-signo* ou um *argumento*.

A tricotomia mais utilizada e considerada importante para o entendimento de figuras, imagens, desenhos, mensagens visuais é a **segunda categoria**: ícone, índice e símbolo.

O **ícone** representa apenas uma parte da semiose na qual o *representamen* evidencia um ou mais aspectos qualitativos do objeto, propriedades imediatas, como a cor e sensações de primeiridade. Tem semelhança com o objeto representado.

Se há uma relação direta entre estas duas partes do signo sem, no entanto, tratar-se de similaridade, trata-se já da categoria dos **índices**. As relações orgânicas de causalidade são

típicas dessa categoria e também as interpretações sensitivas.

Numa relação entre o signo e o objeto é baseada em uma convenção, um acordo do grupo que o criou, e não por semelhança ou indício tem-se um **símbolo**. Por este motivo, transcende a secundidade indiciática e ascende à categoria simbólica. Os **símbolos** são arbitrários, no sentido de que são socialmente convencionados e mutáveis.

Nöth (1995) define que a função essencial do signo é estabelecer um hábito ou uma regra geral que será aplicada pela comunidade que o estabeleceu quando necessário, onde a categoria hábito seria o interpretante.

O entendimento visual sofre diversas forças implícitas, com fatores psicofisiológicos da percepção humana, dados para o entendimento visual que o comunicador necessita ter. Esse processo deve ser percebido e compreendido para que se forme uma mensagem mental. Assim, a estruturação da mensagem é composta organizada pelo receptor e procedida como mensagem final. Portanto, percebe-se que uma mensagem depende de todo um contexto cultural, para ser mais bem apreendida.

Um signo só é um signo se exprimir idéias, e causar interpretações na mente de quem o percebe, assim sendo a análise semiótica aqui apresentada é de pura classificação, sistematização e interpretação da representação gráfica, ou seja, mostra o entendimento, a riqueza de estudo de diversos tipos de categorias de linguagem visual, suas formas de organização, seu processo de significação, como método e sistema de comunicação visual e interpretação para um determinado grupo cultural.

Numa primeira análise a escrita Edo, por suas características, enquadra-se da categoria ícone, pois os pictogramas são desenhos reconhecíveis de alguma entidade como ela existe no mundo. É um tipo de escrita onde "ler" significa reconhecer o que está representado. Como primeiro item qualitativo, pela combinação de cores e gráficos pode-se perceber que o fator que o classifica na categoria ícone, são as propriedades imediatas de observação do sistema pictográfico. A comunicação se faz por meio de figuras e cores e da diferenciação de posicionamento e freqüência dos elementos. Sob os olhos de um observador estrangeiro àquela etnia a leitura dessa escrita permanece na categoria ícone. As características da categoria índice dos pictogramas da etnia Edo, está no fato em que as cores e o sistema de formas são fatores decisivos para um registro de uma nova escrita, e que dependem de interpretação e identificação de suas naturezas, necessitando de determinados procedimentos sensório-perceptuais e cognitivos. Os signos são estabelecidos pela categoria índice, quando a leitura vem do alinhamento, contraposto às seqüências de cores e às formas sensório-visuais. Quando a cor e o posicionamento dos elementos tornam-se fatores culturais e interpretativos e a partir daí são compreendido, e essa escrita torna-se compreensível para esse grupo, alça-se à categoria símbolo, levando-se em conta que a categoria símbolo só é alcançada pelos que compreendem e identificam. Assim, de acordo com Santaella (1999) o esforço para compreender está no poder evocativo ou sugestivo desse grupo social, da intenção de obter do objeto distintos graus de complexidade.

Os ideogramas representam um conceito pela junção de duas ou mais imagens, podendo

representar a idéia de fusão conceitual, no caso, ligada essencialmente à letra-palavra-escrita. Ao olhar estrangeiro as características da categoria índice *é mais presente* nos ideogramas *Nsibidi que nos Adinkra*, uma vez que a primeira trabalha com palavras e a segunda com frases conceituais e que dependem de uma interpretação e identificação de suas naturezas, necessitando de determinados procedimentos sensório-perceptuais e cognitivos. Os signos são estabelecidos em uma forma indicial quando percebemos que a leitura vem do alinhamento, contraposto com as formas sensório-visuais. Para cada cultura aqui estudada, o ideograma representa conhecimento, filosofia, história e identidade destes povos, e se obtém características simbólicas dos ideogramas ao observar a importância destes ao seu povo, a menção social e patriótica à sua cultura, notada fortemente nos ideogramas Adinkra.

As escritas fonológicas, ou alfabetos fonéticos, *Vai* e *Mende* apresentam as seguintes características da categoria ícone: são escritas com características de formação parecidas, ou seja, ambas são silábicas, diferenciadas pelo sentido de leitura. Sob o ponto de vista do observador externo, essas escritas ficam apenas no aspecto icônico, pois para obter interpretação indicial, e que permite apenas que se mantenha relação natural causal com a escrita é apenas o sentido de leitura pelo posicionamento dos signos. Seria necessário conhecimento cultural dessas sociedades e aprendizado desses sistemas para que fossem feitas leituras hermenêutica das mesmas. Diferentemente dos sistemas ideográficos as escritas fonológicas apresentam um alto nível de codificação, o que as categoriza como símbolos.

4 Conclusão

As escritas africanas apresentadas neste trabalho são sistemas de comunicação muito elaborados e bem estruturados, com a capacidade de simbolizar os mais diversos aspectos da vida desses grupos culturais, e estabelecem uma relação estreita entre os meios de comunicação verbal e não verbal. É importante perceber a necessidade de se estudar o interpretante do objeto, independentemente da forma que ele está representando sua essência.

Tanto a fala como a escrita gráfica são ambas manifestações secundárias, efeitos de uma estruturação mental anterior. Portanto, todas as manifestações semióticas do sujeito dependem dessa arque-escrita e tem o mesmo status e interdependência em relação à significação: gestos, mímica, dança, escultura, música, fotografia, filme, escrita gráfica, fala. São todos "escritas", com especificidades, limitações e potencialidades diversas, mas todos igualmente inter-relacionados, heterogêneos, produzidos pela diferença de entendimento e formas de representação do real para cada sociedade.

Toda e qualquer representação da realidade, seja de que natureza for, está tão distanciada do *real* quanto as demais, nenhuma é auto-suficiente ou mais verdadeira que as demais, todas são igualmente imprecisas, ambíguas e diferentes em relação aquilo a que se referem. Assim o 'real' é impossível, pois seguindo os pensamentos de Peirce, o *real* está sempre sendo mediado por signos, não pode ser apreendido diretamente pelo cérebro humano.

Retomando a citação de Tierno Bokar: "A escrita é uma coisa, e o saber, outra", o africano elege a oralidade como forma principal de expressão, não por desconhecer sistemas de escrita

ou por incapacidade de criá-los, pois os exemplares apresentados neste trabalho, uma pequena amostra dos diversos sistemas encontrados no continente africano, o comprovam. Esses sistemas de escrita cumprem a sua função primordial de transmissão da cultura e do saber dos africanos, incorporando formas diversificadas de expressão, com alto grau de complexidade e sofisticação.

5 Referências

- [1] ALCURE, Lenira; FERRAZ, Maria N. S.; CARNEIRO, Rosane. Comunicação verbal e não verbal. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 1997. 90 p.
- [2] BÂ, Amadou Hampâté. Amkoullel, o menino fula . São Paulo: Palas Athena e Casa das Áfricas, 2003.
- [3] BEKERIE, Ayele. African Writing Systems. Disponível em: <http://www.library.cornell.edu/africana/Writing_Systems/>. Acesso em: 28 abr. 2007.
- [4] FERRARA, Lucrecia D'aléssio. Leitura sem palavras. São Paulo: Editora Ática, 1997. 72 p. (Princípios).
- [5] JESUS, Regina de. A página da educação: a tradição oral africana como possibilidade de compreender a complexidade do cotidiano escolar. 145. ed. Lisboa: A Pagina, 2005. Disponível em: <<http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=3855>>. Acesso em: 19 abr. 2007.
- [6] LABURTHE-TOLRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. Etnologia: Antropologia. Rio De Janeiro: Vozes, 1997.
- [7] MAFUNDIKWA, Saki. Afrikan Alphabets: The Story of Writing in Africa. New York: Mark Batty Publisher, 2007. 169 p.
- [8] NASCIMENTO, Elisa Larkin. (Org.). Sankofa, Matrizes Africanas da cultura Brasileira. Rio De Janeiro: Ed. UERJ, 1996. 152 p.
- [9] National Museum Of African Art Smithsonian Institution (Org.). Inscribing Meaning. Exposição. Disponível em: <<http://africa.si.edu/exhibits/inscribing/script.html>>. Acesso em: 28 abr. 2007.
- [10] NÖTH, W., Panorama da Semiótica: de Platão a Pierce, Ed. Annablume, col. 3, São Paulo, 1995.
- [11] PIERCE, C. S. Semiótica. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- [12] SOUSA, Andréia Lisboa de; SOUZA, Ana Lúcia Silva. Cantos e re-encantos: vozes africanas e afro-brasileiras. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2006/cr/tetxt3.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2007.
- [13] TRADITIONAL Motifs Adinkra Symbols from Ghana. Disponível em: <http://www.theviproom.com/visions/welcome.htm> . Acesso em: 28 jan. 2006.
- [14] AGER, Simon. Omniglot writing systems & languages of the world. Disponível em: <http://www.omniglot.com/writing/syllabic.htm>. Acesso em: 25 jan. 2007.
- [15] AfricaWithin Digital Library. Adinkra. Disponível em: <http://www.africawithin.com/>. Acesso em: 28 jul. 2006.